

Onde as metemos? Falar e não deixar de fora

Author(s):

[Paula Sequeiros](#) ^[1]

Show Author Info?:

0

Todas as ativistas sabem da importância desta luta.

As dirigentes locais e as deputadas do distrito manifestaram-se firmes na intenção de apoiar as reivindicações daquela classe profissional, o Sindicato das Professoras marcou a sua presença também.

No exame nacional estavam inscritas 58 mil alunas.

A cantora de rock levou ao rubro todas as suas fãs que enchiam o pavilhão.

Nota-se não nota? Ora querem lá ver que agora dizem tudo no feminino?

E se fosse ao contrário? Notava-se? Tolerava-se? Certamente alguém se apressava a corrigir.

Se a língua portuguesa tem dois géneros gramaticais, porque se tem de usar o masculino para representar grupos de pessoas? Pois é, realmente não representa. E é mesmo muito triste quando usado para referir grupos de pessoas que são maioritariamente femininos...

Mudam-se os tempos mudam-se as palavras

Cresci a ouvir chamar «judeu» a quem magoava intencionalmente, «judiar» era um verbo, existia. «Pareces uma menina!» era um grande insulto para quem era rapaz. Algumas destas expressões hoje já se ouvem raramente, foi-se ganhando consciência de que mais do que atacar quem se queria atacar, estava-se sim a discriminar e a tratar mal quem se usava nessas comparações (embora às vezes ainda se ouça «a Espanha não é o Uganda»^[2] e outras barbaridades que tais).

As palavras são ferramentas de pensar

As palavras têm efeitos sobre o resultado final das nossas falas.

Para esticar uma massa não uso uma colher de pau, para espetar um prego não uso uma chave-de-parafusos. Também a escolha das palavras se deveria fazer com cuidado, atendendo ao que queremos efetivamente dizer, nomeando, e não ocultando, quem queremos nomear.

A linguagem por vezes traiçoa-nos, é certo, é tão natural que nem a questionamos. Falamos como aprendemos, sim, mas também aprendemos a falar, todos os dias, novas palavras, novos modos de discurso.

Indo mais fundo até podemos dizer que a linguagem realmente traiçoa, mas muito mais porque revela a verdadeira maneira como pensamos, cá por dentro, às vezes em contraste com o nosso discurso, cá por fora. Porque a lógica patriarcal domina de tal forma que parece natural aquilo que é apenas reflexo da opressão de muitos séculos.

Mudar o mundo sem mudar as palavras com que o dizemos?

A esquerda tem um discurso próprio e para o construir tem de escolher as palavras certas.

Porque as palavras podem incluir ou excluir, podem nomear ou tornar invisível, criam barreiras, colocam biombos. O género gramatical não pode ocultar o género social.

Uma esquerda feminista só pode pensar-se não usando o masculino universal ou falso neutro, como também é conhecido. À esquerda temos mulheres nas nossas lutas, temos mulheres no nosso pensamento teórico. Passámos a ter mulheres nas nossas imagens. Como podemos não as ter nas nossas palavras?

Escrever de forma inclusiva requer efetivamente um esforço adicional, não tanto porque *falamos* de forma errada, mas muito mais porque continuamos a *pensar* com as velhas ferramentas. Esse pensar, sim, é que custa pôr de lado. As velhas palavras escorregam-nos da boca a cada passo. E só deixarão de o fazer quando fizermos um esforço consciente para as substituir.

Podemos usar os dois géneros gramaticais explicitamente, se necessário - *professoras e professores*. Podemos escrever doutra maneira - *as pessoas na assistência* - evitando o seu uso explícito.

E, reciprocamente, escrevendo de forma inclusiva também passamos a pensar de forma mais inclusiva e aí residirá a grande diferença.

A esquerda tem um referencial de séculos de muitas lutas. É desse passado que nos orgulhamos e é ele que muitas vezes nos inspira. Para fazer feminismo temos de usar ferramentas feministas e a linguagem tem lugar de destaque nessa caixa de ferramentas.

Qual é a realmente a dificuldade em mudar uma forma de falar e de escrever? Vamos lá a 'desdobrar' a língua.

Sumário da Home:

A esquerda tem um discurso próprio e para o construir tem de escolher as palavras certas. Uma esquerda feminista só pode pensar-se não usando o masculino universal ou falso neutro, como também é conhecido.

Lead:

A esquerda tem um discurso próprio e para o construir tem de escolher as palavras certas. Uma esquerda feminista só pode pensar-se não usando o masculino universal ou falso neutro, como também é conhecido.

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

URL de origem: <http://www.esquerda.net/opinioao/onde-metemos-falar-e-n%C3%A3o-deixar-de-fora/23714>

Ligações:

[1] <http://www.esquerda.net/autor/paula-sequeiros>

[2] <http://www.esquerda.net/opinioao/espanha-n%C3%A3o-%C3%A9-o-uganda/23659>